

A propósito da atualidade da censura do amante

Celso Gutfreind¹

Michel Fain é um psicanalista francês da gema. Isso significa erudição metapsicológica, criatividade prolífica e, portanto, muita escrita. Ele esteve à frente do Instituto de Psicossomática de Paris, que marcou uma aproximação bem-vinda e quase sempre ausente, na história da medicina, entre o corpo e a alma. Ali foi parceiro de Pierre Marty, com quem se entendeu e se desentendeu à francesa.

Entre outras publicações fundamentais, é autor de um livro clássico de 1974, *A criança e seu corpo*, escrito com Michel Soulé e Léon Kreisler, este último importante pediatra ligado aos psiquiatras da infância e ao mundo emocional dos bebês.

Autor de numerosos artigos, livros, conferências, Fain dedicou-se à transmissão da psicanálise como professor e supervisor incansável, sempre disposto a dialogar com os mais jovens. Nascido em 1917, foi presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris entre 1983 e 1986. Amava a conversa e a controvérsia e era descrito como terno e firme. Foi da geração de Serge Lebovici e Michel Soulé, acima mencionado, os quais conheci pessoalmente e que me impressionaram pela disposição para a escrita, o trabalho, a leitura, o encontro.

Quando a sua agenda estourava, Lebovici abria espaço para receber os alunos no domingo de manhã e, diz o folclore, chegou a receber a então jovem etnopsiquiatra Marie Roso Moro às seis e meia.

Soulé, no que lhe diz respeito, no final da vida, ainda se interessava pela produção dos mais jovens e participou de pesquisas importantes sobre a

1 Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

perinatalidade com o então jovem psicanalista Sylvain Missonnier. Estive em alguns seminários com eles e eram pungentes as integrações que faziam. Sylvain, assim como a mestra Monica Bidlowsky, intervinha como analista em salas de exames ecográficos com a certeza de que cada palavra do ecografista seria decisiva para a representação materna do bebê, a qual, por sua vez, seria decisiva para o seu desenvolvimento. Uma quebra no começo poderia ser infensa até mesmo à reestruturação advinda da transferência de encontros posteriores. Por mais que a psicanálise viesse como uma segunda chance, os primórdios guardavam para eles um poder decisório. “Primeiro capítulo” era o nome expressivo de seu grupo de trabalho, sempre aberto a novos participantes.

Certa feita, o exame detectou que o feto estava morto. Sylvain discorreu sobre a importância de dispender algum tempo e muita empatia para a mãe. Foi quando Soulé, com o corpo e a voz já bem frágeis pela idade, lembrou que era imprescindível verificar se havia algum irmão mais velho. Se houvesse, era preciso chamá-lo e dizer diretamente que ele nada tinha a ver com aquela morte. Só isso poderia evitar o surgimento de uma neurose obsessiva.

Foi nesse ambiente de muita fertilidade científica que Fain desenvolveu o seu trabalho. A sua geração, com Lebovici, Diatkine, Pontalis, Laplanche, Green e tantos outros, conciliava um conhecimento profundo da metapsicologia, com a qual não mantinha uma relação passiva e sim criativa. Fain, por exemplo, defendeu outros conceitos, como narcisismo primitivamente secundário ou narcisismo fálico, e a turma chegou a construir a extensão desses conhecimentos ao atendimento da comunidade. Havia uma preocupação social, uma aproximação com a medicina e outros campos, um desejo de ligar e integrar com a arte, inclusive (Green, em especial). Não foi à toa que admiraram tanto os trabalhos do nosso Salvador Célia, precursor da psiquiatria infantil e social em Porto Alegre, no Brasil, e reconhecido pela Universidade de Paris. Todos eles abandonaram os muros de seus consultórios e os franceses chegaram a criar um sistema descentralizado de saúde mental infantil: muitos brasileiros (Norma Escosteguy, por exemplo) estiveram no Instituto Alfred Binet, ainda hoje pujante em Paris.

Essa geração estendeu o bastão a novos excelentes profissionais, como Bernard Golse, René Roussillon e tantos outros que volta e meia nos visitam, sempre plenos de ideias e produções científicas. Mas os tempos estão ainda mais duros neste mundo narcisista e dissociado, tornando-se cada vez mais difícil conciliar. Por isso, talvez, os conceitos de Fain e seus colegas permanecem atuais e de suma importância.

Fain escreveu sobre diversos assuntos, como o sono, o sonho, eros (o conceito

de anti-eros também é dele), a histeria, a interpretação, a negação da morte, o luto e, sobretudo, a psicossomática – e, dentro dela, a questão do irrepresentável –, de forma metapsicologicamente apurada, além de ter sido reconhecido por algo que os anos ratificariam a importância: a clínica dos extremos, onde nos defrontamos inevitavelmente com o vazio. As relações cada vez mais distantes entre o orgânico e o afetivo são alvos constantes de seus interesses. Em um de seus livros, *O desejo do intérprete* (1982, p. 52), há uma passagem que me toca pela ligação entre técnica e metapsicologia: “Existe uma semiologia que indica a situação metapsicológica de um caso a um determinado momento; esta semiologia contém nela mesma a interpretação possível em função somente do conhecimento dos sistemas do trabalho em ação.”²

Mas, entre os conceitos, um vem sobrevivendo ao tempo e se mostra cada vez mais necessário. Trata-se da “censura do amante”. Não é fácil construir um conceito que fique. Conceitos nascem meio como ficção e construto, abstração e ciência, mas precisam fazer sentido na clínica para permanecerem. Uma teoria anódina e isolada não os sustenta. Não é o caso de Fain e o seu. Atribuído a muita gente, a censura do amante é originalmente dele e permanece ecoando na teoria e na clínica. Chega a ser um sucesso e a encontrar textos apócrifos, perfis *fakes* ou supostos outros autores proclamando a sua paternidade.

Lebovici valorizava muito a censura do amante, especialmente em tempos que já se anunciavam monoparentais, de rarefação da figura paterna e de dificuldades para a construção de uma identidade. A história lembra o poema *No Caminho de Maiokovki*, do poeta Eduardo Alves da Costa, comumente atribuído ao grande poeta russo a quem o título se refere e não ao brasileiro. Era, de fato, do Eduardo, mas repercutiu tanto que parecia necessitar de um autor maior como o Vladimir.

Fain não foi um autor menor, mas era, talvez, mais modesto do que seus companheiros de geração. Gostava de jogar tênis, tênis de mesa e esqui. Trabalhava muito, mas não era obcecado pelo que fazia: ampliava o leque de investimento da sua libido. Alimentava-se da vida como o seu conceito, e algumas ideias são tão carnis e vivas que muitos pensaram nelas ao mesmo tempo. Este conceito é um deles: atualíssimo em tempos narcisistas, quando crianças vão ao consultório para aprender a fazer cocô em paz (dispor de tempo) e adultos para aprender a dizer não, ou seja, para afinar a paradoxal relação entre lei e liberdade a fim de estar junto genital e criativamente.

A censura do amante aparece em diversos trabalhos célebres como *A teoria da edipização*, *Prelúdio da vida fantasmática* e no livro *A noite, o dia*. Ele trata da

2 Tradução do autor.

necessidade premente do reaparecimento da figura do “amante” para a mãe a fim de integrar o autoerotismo do bebê. Foca, enfim, o exato momento psíquico em que a mãe se desloca do bebê e volta a ser o objeto erótico do pai. Interessante assinalar que ele provém, igualmente, de reflexões sobre insônias precoces, ou seja, da própria clínica. E, aqui, Fain faz algumas observações fundamentais para o conceito e a sua integração com o desenvolvimento da criança. Ele alerta para o perigo de relações sexuais que visam tão somente a procriação. Crianças frutos delas podem estar condenadas a não entrar na “ordem das coisas” da sexualidade. Propõe aqui uma imagem brilhante, bem francesa no acerto da metáfora, para figurar a metapsicologia: “haverá, então, fadas más no berço”. É preciso, enfim, a lei paterna, e que a censura do amante se imponha.

Mas o processo não é assim tão simples, tampouco as descrições de Fain. Ele maneja de forma exímia a teoria freudiana. Há idas e vindas, paradoxos como em Freud. Fain valoriza o papel importante de para-excitação exercido pela mãe (a “mãe calmante” é outro carro-chefe entre seus conceitos), capaz de engendrar o autoerotismo do filho e uma vida fantasmática satisfatória. Também há necessidade de que haja esse investimento e uma espécie de esquecimento dos amores anteriores, incluindo o do casal. O desafio é não tardar para a retomada e ali surge a importância da censura. O papel do simbolismo, do sono e do sonho é realçado pelo autor.

A ideia de Fain mostra-se cada vez mais atual e necessária no seio de uma cultura que vem realçando o narcisismo e esvaziando ou liquefazendo (Bauman) as relações amorosas. Nesse caso, a ausência paterna (o nome do pai, de Lacan) não é nefasta apenas para a mãe, mas especialmente para o filho. Realça a importância não somente do desejo de um filho, mas do desejo do pai pela mãe. Há aqui o dedo apontado para um impasse de ordem cultural e, sobretudo, para uma carência do amor, a maior vítima da desintegração e da violência. Sem sua presença, o amante não se impõe para censurar no melhor dos sentidos (o enquadre) e a criança fica desprovida dessa lei para livremente – ou quase – poder amar um dia.

Fain parece concordar com um poeta de sua geração que escreveu poemas em um país distante do dele: Mario Quintana expressou que pouco importa o assunto de um poema. Todos eles, no fundo, são de amor.

O amor seria essa tamanha façanha, mas, para chegar a ele e a ela, é preciso um amante que possa acabar com a festa de uma simbiose exagerada entre mãe e bebê e que retome o seu espaço para permitir que a criança possa se desenvolver e construir, um dia, a sua própria festa do amor.

Referências

- Aisenstein, M. (2000). *Michel Fain: Psychanalystes d'aujourd'hui*. Paris: PUF.
- Duparc, F. (Org.) (1999). *La censure de l'amante et autres préludes à l'oeuvre de Michel Fain*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Fain, M. (1982). *Le désir de l'interprète*. Paris: Aubier-Montaigne.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 26/03/2018

Aceito em: 09/04/2018

Celso Gutfreind
Av. Plínio Brasil Milano, 812/505
90520-050 – Porto Alegre – Rs - Brasil
E-mail: celso.gut@terra.com.br